

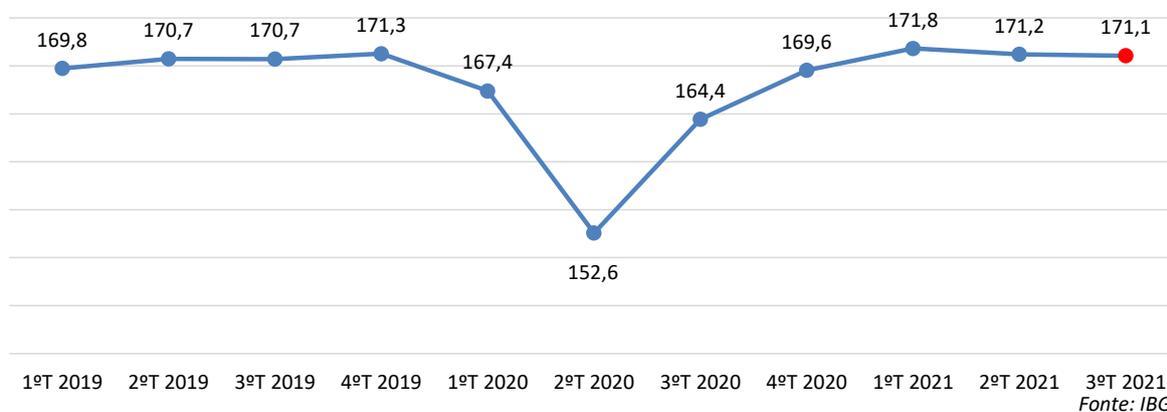
EM MEIO A INCERTEZAS, ECONOMIA VOLTA À RECESSÃO TÉCNICA

PIB recua 0,1% no primeiro trimestre após perda de 0,3% no trimestre anterior. Com inflação elevada e perspectiva de alta nos juros, atividade econômica terá 2022 desafiador. CNC revisa de 4,8% para 4,3% previsão de crescimento da economia neste ano e projeta alta de 0,5% em 2022.

O Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro cedeu 0,1% no terceiro trimestre de 2021, na comparação com os três meses imediatamente anteriores, já descontados os efeitos sazonais. Diante da taxa também negativa observada no segundo trimestre (-0,3%), a economia brasileira voltou a configurar um quadro de recessão técnica. O resultado não chegou a surpreender a Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), cuja estimativa apontava estabilidade na passagem do segundo para o terceiro trimestre.

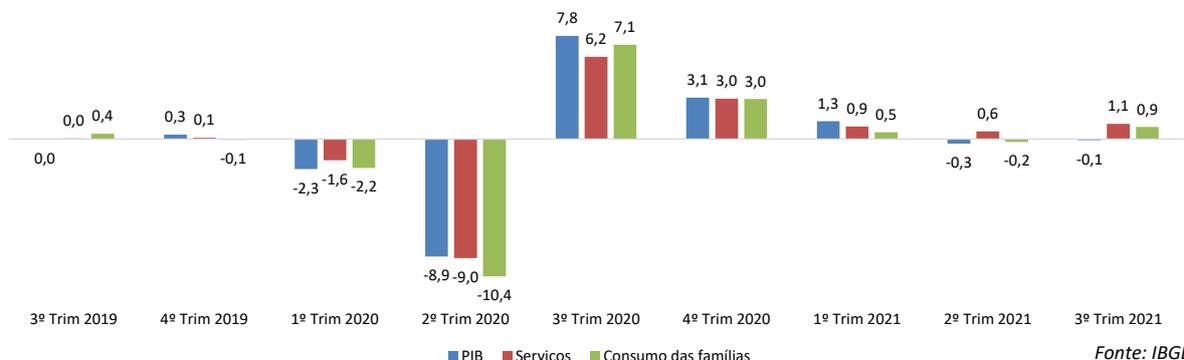
As variações recentes trouxeram a atividade econômica a um nível 0,1% abaixo daquele observado no quarto trimestre de 2019 – o último totalmente livre dos efeitos provocados pela pandemia. Em relação ao primeiro trimestre de 2020, ainda há alta de 2,2%. Nos últimos quatro trimestres encerrados em setembro, o PIB brasileiro totalizou R\$ 8,43 trilhões.

QUADRO I
PRODUTO INTERNO BRUTO
(Índice 1995 =100)



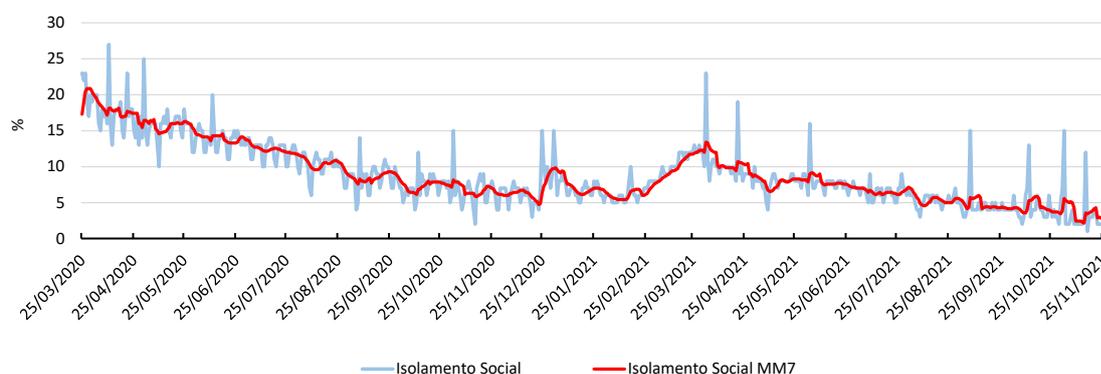
O setor de serviços (+1,1%), positivamente afetado pela desaceleração da crise sanitária e pelo consequente aumento na circulação de consumidores, impediu uma queda mais acentuada da atividade econômica, já que a agropecuária (-8,0%) – prejudicada pelo encerramento da safra de soja - e a indústria (0,0%) apresentaram resultados frustrantes no período. De forma semelhante, o consumo das famílias foi o destaque positivo trimestral sob a ótica das despesas (+0,9%).

QUADRO II
PRODUTO INTERNO BRUTO, SERVIÇOS E CONSUMO DAS FAMÍLIAS
(variações % em relação ao trimestre anterior)



De acordo com monitoramento diário realizado pelo Google, entre julho e setembro, a média móvel semanal que retrata a concentração de consumidores em áreas residenciais recuou 3%, situando-se apenas 4,1% acima do período pré-pandemia – tendência observável também nos dois meses subsequentes.

QUADRO III
NÍVEL DE ISOLAMENTO SOCIAL
(variações % em relação a fevereiro de 2020)



Fontes: Google e CNC A

construção civil (+3,9%), os serviços de informação e comunicação (+2,4%) e as atividades de transporte, armazenagem e correio (+1,2%) também se destacaram de forma mais específica. O comércio (-0,4%), por sua vez, voltou a sentir os efeitos da inflação mais alta e dos juros em elevação ao recuar pelo segundo trimestre consecutivo.

Enfrentando variações anualizadas dos preços no atacado de mais de 20%, o comércio tem repassado parcialmente essa elevação aos consumidores finais (em setembro a inflação média do setor acumulava alta de 11,2% nos doze meses encerrados em setembro). Apesar da retenção de

metade do repasse, o nível geral de preços tem sido um obstáculo à sustentação do nível de atividade do setor nos últimos meses.

A alternativa do crédito tem se mostrado cada vez menos eficiente para sustentar o consumo. A taxa média de juros das operações com recursos livres às pessoas físicas avançou ao longo de 2021, ao sair de 37% ao ano em dezembro de 2020 para 44% ao ano no último mês de setembro, segundo pesquisa mensal realizada pelo Banco Central – a mais elevada desde maio do ano passado. Ainda segundo o BC, a concessão de recursos às famílias tem crescido mais 20% no acumulado do ano; entretanto, a elevação do comprometimento da renda e a inflação de dois dígitos têm impedido que esses recursos fomentem o consumo de forma mais contundente.

A baixa probabilidade de reversão desse cenário no curto prazo deverá impedir a aceleração da economia neste quarto trimestre. Ainda assim, diante do efeito carregamento oriundo da reduzida base comparativa, a expectativa da CNC é de que o PIB encerre 2021 com alta de 4,3% (a projeção anterior da entidade apontava avanço de 4,8% ante 2020). Para o próximo ano, as sucessivas revisões das expectativas quanto aos rumos da inflação e dos juros, além das incertezas decorrentes da evolução das crises hídrica e sanitária, levaram a entidade a revisar de +0,6% para +0,5% sua projeção quanto ao desempenho

